

Caro(a) cliente da Foster,

Nesta última Carta Trimestral de 2022, gostaríamos de contextualizar a conjuntura econômica local e internacional dos últimos doze meses. Acreditamos que seja muito importante para você, nosso(a) cliente, e para a Foster encerrar o ano na mesma página sobre o que vem ocorrendo na economia e os respectivos impactos nos preços dos ativos que compõem seus investimentos, além do que acreditamos serem as (boas) perspectivas para 2023.

A economia mundial sofre de um grande surto inflacionário. A magnitude em que a inflação mundial subiu não tem precedentes desde a década 1970, quando vivíamos em um mundo completamente sindicalizado e sofremos dois choques de petróleo advindos dos países árabes.

A melhor definição sobre inflação para nós na Foster é a seguinte: quando há muito dinheiro em circulação sendo utilizado para comprar poucos bens e serviços disponíveis. É exatamente esse o quadro atual: seja no Brasil ou nas principais economias do mundo, há uma demanda de consumidores e empresas acima da capacidade de oferta disponível para atender esses desejos transacionais.

Por conta disso, a inflação mundial sobe e se propaga para diversos setores da economia. Para piorar, a guerra entre Rússia e Ucrânia, que teve início em fevereiro deste ano, fez os preços dos alimentos e dos combustíveis darem um novo salto em uma economia mundial que já estava diante de quadro inflacionário decorrente dos estímulos fiscais dos governos após a Covid-19.

Contra esse mal – o aumento vertiginoso da inflação – não há outro remédio amargo a não ser o aumento rápido das taxas básicas de juros pelos principais Bancos Centrais do mundo inteiro. O racional é simples: já que o governo não consegue interromper o gasto público para diminuir a demanda por bens e serviços, o Banco Central precisa aumentar a taxa de juros para estimular cidadãos e empresas a postergarem suas compras.

Um acompanhamento feito pela Foster mostra que 80% de uma amostra de 34 Bancos Centrais no mundo inteiro estão em um ciclo de aperto monetário (seguem subindo suas taxas básicas de juros). O grande protagonista, sem dúvida, é o Banco Central dos Estados Unidos, o Fed. O ativo mais importante do mundo é a taxa básica de juros norte-americana, já que ela impacta diretamente na cotação do Dólar Americano e no fluxo de capital para os demais países.

Esse movimento concomitante – 27 países subindo suas taxas de juros ao mesmo tempo com objetivo de frear consumo e investimento em suas economias – vem consolidando um entendimento de que a economia mundial deverá desacelerar mais rápido e de forma mais intensa do que esperávamos no início do ano. E isso permitiria o arrefecimento da inflação mundial também de forma mais rápida do que o previsto.

Se essa hipótese se concretizar, em 2023 teremos um ambiente de negócios muito favorável aos ativos de maior risco com uma rotação rápida de recursos saindo da renda-fixa para ações e fundos multimercados.

E o Brasil está bem-posicionado pois começou antes o seu ciclo de alta da Selic. O BC brasileiro começou a subir a Selic em março de 2021 elevando a mesma do patamar de 2,00% para o nível atual de 13,75%. A política monetária historicamente funciona para conter a inflação e acreditamos que após os efeitos das eleições teremos mais clareza dessa desaceleração do nosso principal índice de inflação (IPCA).

Para dar um exemplo (adoramos fatos e hipóteses), voltemos para o ano de 2016. Em janeiro daquele ano a Taxa Selic estava em 14,25% e o Banco Central do Brasil só começou a reduzir a Selic em outubro, ciclo de corte de juros esse que se estendeu até 2019. Durante esse período de dez meses em 2016 (janeiro-outubro) no qual a Selic estava estacionada em 14,25%, a Bolsa brasileira subiu 60% para depois subir um total de 180% até dezembro de 2019. No mesmo período as taxas de referência para CDBs de 2 anos, que estavam em 15% em janeiro de 2016, chegaram em outubro em um patamar de 11%. Isso com a Selic parada em 14,25% durante todo esse tempo!

Nosso ponto principal é que o movimento de migrar os seus recursos para a renda fixa já teve o ápice alguns meses atrás. O ano de 2023 reúne as condições para voltarmos a ter uma performance muito positiva nas carteiras da Foster, que possuem em seu DNA a diversificação em outras estratégias de investimento além de renda fixa. Não deixe de conversar com o seu assessor sobre essa nossa tese.

Um grande abraço,

**Equipe Foster**